

II

FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

O principal modelo teórico que adotarei como base para este trabalho é a Teoria dos Polissistemas, elaborada por Itamar Even-Zohar, a qual constitui um arcabouço vasto e maleável o suficiente para permitir sua adequação a contextos históricos, sociais e investigativos diferentes daqueles em que foi originalmente concebida, além de inúmeros recortes que abordem eixos ou escopos específicos dentro da sua concepção mais geral. Assim sendo, apresentarei na próxima seção uma síntese dessa teoria destacando questões pertinentes aos interesses da presente pesquisa, e a partir dessa síntese farei no Capítulo III uma adaptação da teoria de modo a incluir o que chamo de polissistema audiovisual, no qual proponho inserir o polissistema de tradução audiovisual — foco central deste estudo —, fazendo nele recortes específicos.

Além disso, dada a inter-relação existente entre a Teoria dos Polissistemas e os Estudos Descritivos de Tradução, cuja concepção teórica é em sua maior parte de autoria de Gideon Toury, emprestarei destes os principais conceitos e propostas metodológicas, os quais considero muito ricos e úteis como instrumentos de pesquisa. Para tanto, na Seção II.2 apresentarei esse paradigma teórico, novamente dando maior atenção a seus aspectos e conceitos mais relevantes para este trabalho — inclusive a questão da singularidade do tradutor, que será abordada no Capítulo V.

Na Seção II.3 apresentarei a proposta metodológica elaborada por José Lambert e Hendrik van Gorp para auxiliar na realização de estudos de casos de traduções literárias segundo o paradigma descritivo, visando conferir uma maior padronização a essas análises. O modelo proposto é prático, sintético e flexível, e tornou-se referência entre muitos pesquisadores alinhados com a abordagem descritivista. No Capítulo III, adaptarei também esse modelo para a área da tradução audiovisual, a qual carece de padronização metodológica.

Na quarta e última seção do presente capítulo, reúno alguns comentários e críticas feitos por outros autores às teorias que fundamentam esta dissertação e

acrescento alguns meus, de modo a destacar questões de particular importância para o desenvolvimento deste trabalho e a não perder de vista os aspectos dessas teorias que são considerados seus pontos fracos. No que tange a estes últimos, meu intuito é o de contribuir, na medida do possível, para a sua superação através do aporte de outras reflexões.

II.1 A Teoria dos Polissistemas

O paradigma teórico que ficou conhecido como Teoria dos Polissistemas (Polysystem Theory ou Polysystem Studies) começou a ser apresentado pelo israelense Itamar Even-Zohar no final da década de 1960 e início da de 1970. Ao longo dos anos 1970 ocorreu seu maior desenvolvimento e deu-se seu aproveitamento pelo campo do saber que passou então a ser denominado Estudos da Tradução, mas Even-Zohar continuou publicando versões revistas e atualizadas de seus próprios textos até a década de 1990. São essas versões mais recentes que aqui tomo por base, em particular uma edição de *Poetics Today* publicada em 1990 que contém uma compilação de textos de Even-Zohar divulgados ao longo dos 20 anos anteriores, então revistos. Essa é a referência bibliográfica que informa toda a presente seção e suas subseções, exceto quando indicado de outra forma.

O objetivo inicial de Even-Zohar consistia em elaborar uma base teórica capaz de explicar as particularidades da história da literatura israelense e das traduções literárias realizadas nessa cultura, as quais foram em grande parte empreendidas visando enriquecer a jovem literatura israelense. Para tanto, ele recorreu ao Formalismo russo e ao Estruturalismo tcheco, buscando resgatar e esclarecer algumas de suas particularidades que, segundo o autor, não foram bem compreendidas, tais como a não separação entre estudos lingüísticos e literários e a complementaridade entre sincronia e diacronia. Ele enfatiza que nem a história pode ser associada exclusivamente à diacronia e nem a sincronia pode ser vista como algo estático. Visando romper a associação que se faz entre Formalismo russo e estagnação sincrônica com ênfase exclusiva na sintaxe, Even-Zohar deu uma nova denominação a esse paradigma teórico: *Funcionalismo Dinâmico*, expressão que podemos considerar uma síntese da própria teoria de Even-Zohar.

Em linhas gerais, a Teoria dos Polissistemas concebe uma determinada cultura como um grande sistema que é internamente constituído por outros sistemas — sendo por isso chamado *polissistema* — e que se relaciona com outros sistemas paralelos. O autor define *sistema*, com base no Funcionalismo Dinâmico, como “a rede de relações que pode ser tomada como hipótese para um determinado conjunto de supostos observáveis (‘ocorrências’/‘fenômenos’)”⁸ (Even-Zohar, 1990: 27) e *polissistema* como “um sistema múltiplo, um sistema de vários sistemas que se entrecruzam e em parte se sobrepõem, que empregam opções concorrentemente diferentes mas que funcionam como um todo estruturado cujos membros são interdependentes”⁹ (*ibid*: 11). Desde já cabe destacar o caráter dinâmico e permeável dos sistemas, bem como o papel do observador em sua constituição. Aquilo que é considerado como um conjunto de ocorrências ou fenômenos observáveis é resultado de relações estabelecidas na própria observação, estando portanto vinculado aos procedimentos empregados nesse processo — procedimentos estes que devem justificar sua adequação ao estudo que se pretende realizar.

Os sistemas são portanto redes dinâmicas, hierarquizadas em estratos formados pelas relações intra e inter-sistêmicas de seus elementos, e cujas fronteiras com sistemas adjacentes estão sempre se redefinindo. Even-Zohar concebe as relações de poder entre os elementos dos sistemas através das imagens de *centro* e *periferia*, sendo o centro o lugar ocupado por aqueles que detêm maior poder dentro de um sistema e a periferia a região ocupada por elementos menos dominantes ou hegemônicos. É a disputa por poder entre os constituintes de cada sistema — que se esforçam por ocupar e manter-se no centro, alternando-se e produzindo movimentos centrífugos e centrípetos — que dá forma ao sistema e o leva a transformar-se no eixo diacrônico.

II.1.1 O polissistema literário

Dentre os vários sistemas que constituem uma determinada cultura encontra-se o

⁸ the network of relations that can be hypothesized for a certain set of assumed observables (‘occurrences’/‘phenomena’)

⁹ a multiple system, a system of various systems which intersect with each other and partly overlap, using concurrently different options, yet functioning as one structured whole, whose members are interdependent

polissistema literário, principal objeto de estudo de Even-Zohar dado seu objetivo de explicar o desenvolvimento da literatura israelense. Esse polissistema é composto por diversos sistemas e correlaciona-se com outros sistemas semióticos e demais integrantes do polissistema cultural. É no centro do polissistema literário e dos sistemas que o compõem que residem seus respectivos repertórios canônicos, os quais são instituídos pelo grupo que detém o poder em um dado sistema e representam modelos a serem seguidos por aqueles integrantes do sistema que queiram ter boa aceitação. O cânone é por isso associado, entre as pessoas de uma cultura, a prestígio, *status* e qualidade.

Mas o repertório canônico certamente não é o único presente nos sistemas, em função inclusive do fato de que a sobrevivência de um sistema depende da tensão entre seus vários componentes, sem a qual ele fica estagnado e pode deixar de existir. O cânone também não ocupa o centro devido a supostas qualidades intrínsecas, mas às injunções daqueles que detêm o poder e impõem seus modelos lingüísticos e literários sobre os demais integrantes do sistema.

Uma das consequências dessa visão sistêmica da literatura é que ela nos obriga a levar em conta os fenômenos ou sistemas não centrais que também fazem parte do polissistema e em oposição aos quais é possível compreender melhor aqueles que ocupam o centro, as estratégias que utilizam, seus valores e interesses, sua evolução, etc. Portanto, as variedades lingüísticas e literárias que gozam de menos *status* numa dada cultura adquirem interesse enquanto objetos de estudo, tais como a literatura de massa, infantil ou traduzida. É esta última que examinaremos em detalhe adiante.

Outra consequência da visão sistêmica da literatura é que, segundo esse paradigma, o objeto de estudo do pesquisador não pode ficar restrito exclusivamente aos textos literários propriamente ditos, cuja influência na caracterização do sistema não é necessariamente maior do que as atividades e interações dos diversos outros integrantes do polissistema literário. Para ilustrar esse argumento, Even-Zohar faz uma adaptação do conhecido modelo comunicativo de Jakobson (1969: 123), segundo o qual todo ato de comunicação envolve (i) contexto, (ii) código, (iii) remetente, (iv) destinatário, (v) contato e (vi) mensagem. Even-Zohar equipara esses componentes, com uma certa liberdade, aos atores que constituem o polissistema literário, respectivamente: (i) instituição, (ii) repertório, (iii) produtor, (iv) consumidor, (v) mercado e (vi) produto.

Portanto, o contexto externo ao texto propriamente dito não pode ser deixado de lado, visto que todos esses elementos em conjunto constituem, digamos assim, o ato de comunicação literária. As definições dadas por Even-Zohar para esses componentes são:

- (i) *Instituição*: “o agregado de fatores envolvidos na manutenção da literatura como uma atividade sociocultural”¹⁰ (Even-Zohar, 1990: 37). Ela governa as normas que permeiam tal atividade. Esse componente do polissistema literário, que por sua vez também constitui um sistema, congrega alguns dos próprios produtores literários, críticos, editoras, periódicos, clubes e grupos de escritores, órgãos governamentais e os meios de comunicação de massa, entre outros.
- (ii) *Repertório*: “o agregado de regras e materiais que governam a elaboração e o uso de qualquer produto”¹¹ (*ibid*: 39). Essa definição pressupõe a existência de acordos e conhecimentos partilhados entre membros de uma comunidade.
- (iii) *Produtor*: empregado por Even-Zohar para se referir aos autores e criadores de textos literários, esse conceito é mais abrangente que o de *escritor*, de modo semelhante aos conceitos de *consumidor* e de *produto*, abaixo. O produtor é um agente político, engajado em um discurso de poder destinado a legitimar o repertório que emprega.
- (iv) *Consumidor*: também é mais do que apenas um *leitor*, visto que o consumo de obras literárias se dá através de outras atividades além da leitura integral de cada obra — leitura que muitas vezes não é o único objetivo do consumidor nem a prerrogativa exclusiva para que ele faça parte de certos grupos sociais como consumidor de um determinado cânone. Por exemplo, ele pode aprender em uma instituição sobre determinado autor ou obra, interagir com outros consumidores, ter acesso a fragmentos, críticas, traduções e outros materiais paralelos que lhe permitem integrar um ou mais subsistemas e partilhar dos conhecimentos e interpretações vigentes sobre a obra, sem que ele necessariamente a tenha lido integralmente ou em sua versão original.
- (v) *Mercado*: “o agregado de fatores envolvidos na venda e compra de produtos

¹⁰ the aggregate of factors involved with the maintenance of literature as a socio-cultural activity

¹¹ the aggregate of rules and materials which govern both the making and use of any given product

literários e na promoção de tipos de consumo”¹² (*ibid*: 38). Também constitui um sistema, do qual participam livrarias e clubes literários, por exemplo, e se relaciona proximamente com a instituição, havendo uma sobreposição entre esses dois sistemas através de alguns de seus integrantes, tais como instituições de ensino.

- (vi) *Produto*: da mesma forma que Even-Zohar não quer restringir o produtor e o consumidor apenas às suas funções como escritor e leitor, respectivamente, ele também não inclui entre os produtos literários apenas as *obras* literárias, mas também a enorme quantidade e variedade de fragmentos retirados das obras ou referentes a elas — tais como citações, resumos, resenhas, críticas, etc. — e que ajudam a estabelecer e manter modelos canônicos.

Even-Zohar lamenta que a teoria literária tenha progressivamente excluído a figura do produtor de textos de seu objeto de estudo. Em contraposição a esse movimento, a Teoria dos Polissistemas volta a dar destaque a esse importante integrante do polissistema literário como uma força que é simultaneamente condicionadora e condicionada pelas tensões sistêmicas, um produtor de discursos que cumpre seu papel nas relações de poder que definem os estratos dos sistemas. Considero importante essa valorização do produtor de textos e de sua função nos sistemas que integra para refletirmos sobre a tradução e o papel do tradutor, o que farei nos próximos capítulos.

O objetivo da utilização desse modelo teórico em estudos literários consiste em investigar as relações existentes nos sistemas, a interferência entre sistemas e os processos de mudanças provocados por pressões exercidas da periferia para o centro e vice-versa, buscando-se chegar às leis que regem os fenômenos que constituem os sistemas. Na Seção II.2, em que trataremos principalmente da obra de Gideon Toury, veremos como este parte desse objetivo de Even-Zohar para estabelecer outros conceitos pertinentes ao estudo da tradução, particularmente o de *norma*.

Segundo Even-Zohar, uma das propriedades dos sistemas é o isomorfismo entre um sistema maior e seus subsistemas. Isto é, apesar de possuir leis e componentes próprios, um subsistema de outro maior partilha do funcionamento deste, refletindo sua hierarquia e sendo em muitos aspectos governado por ele.

¹² the aggregate of factors involved with the selling and buying of literary products and with the promotion of types of consumption

Desse modo, se por um lado as instituições literárias, por exemplo, podem ser vistas como constituindo um sistema próprio devido às relações que apresentam entre si, por outro são entendidas como parte do polissistema literário e em grande medida obedecem às normas deste. O mesmo ocorre com o polissistema de tradução literária, que veremos a seguir.

II.1.2 O polissistema de tradução literária

Contrário à tendência mais geral de tratar as obras literárias traduzidas individualmente, como práticas isoladas, Even-Zohar argumenta a favor de se observar o conjunto da literatura traduzida de forma inter-relacionada, em função dos princípios que regem a seleção dos textos a serem traduzidos e do modo como as traduções utilizam o repertório literário de um sistema. Tal conjunto pode então ser estudado como constituindo um polissistema próprio dentro do polissistema literário. Sendo ele isomórfico ao sistema que o contém, muitos de seus componentes são do mesmo tipo e ele está sujeito às leis e hierarquias desse sistema, mas também se constitui em parte pela relação entre seus próprios integrantes, fenômenos e processos internos.

Even-Zohar aponta para uma inconsistência no estudo tradicionalmente feito de produtos traduzidos. Por um lado, tende-se a assumir que a tradução envolve uma reformulação da mensagem original, isto é, uma reescrita que pressupõe a decomposição de um texto e sua recomposição através de outro texto. Por outro lado, quando um produto examinado não corresponde às normas padrão de tradução aceitas pela teoria empregada nesse estudo, o produto em questão recebe outra denominação, tal como “adaptação” ou “imitação”, e é então desconsiderado como objeto de estudo pertinente. O autor afirma que os produtos de transferências interlinguais excluídos do escopo das teorias de tradução provavelmente constituem um grupo maior do que aqueles considerados válidos. Em lugar de tal exclusão, ele propõe que os Estudos da Tradução reconheçam todos os produtos de transferências interlinguais como objetos de estudo relevantes, preocupando-se em investigar sob quais circunstâncias, num contexto particular, um produto-alvo B pode estar relacionado a um produto-fonte A.

Além disso, não só os textos concretos, já existentes, participam das relações sistêmicas estudadas, mas também os modelos que regem a competência

tradutória em um determinado sistema, os quais estão implicados nos textos propriamente ditos. A justificativa para essa postura é que as descrições de textos traduzidos e as análises contrastivas de traduções e originais ou de diferentes traduções de um mesmo original, por si só, não dão conta de explicar o comportamento tradutório em várias circunstâncias. Levando em conta somente o nível da língua, o estudioso pode ter acesso às opções lingüísticas de que o tradutor dispõe. Contudo, torna-se muito difícil explicar decisões mais globais — tais como alterações de caráter funcional ou mesmo inovações estilísticas ou textuais não restritas ao nível lingüístico — sem considerar as coerções que influem nas estratégias adotadas pelos produtores de textos e os modelos que informam essas estratégias. Tal visão mais ampla será viabilizada pela idéia dos sistemas dinâmicos e heterogêneos, da investigação de suas inter-relações, e da produção, transferência e imposição de modelos e normas através dos sistemas. Como já foi mencionado, a investigação das normas que regem a produção textual — inclusive a tradução — será um dos principais interesses de Gideon Toury, como veremos na próxima seção. Além disso, a oportunidade de refletirmos sobre os vários conjuntos de normas e coerções com os quais o tradutor deve lidar e os vários níveis de decisões que pode tomar — inclusive com a possibilidade de inovações — será de grande valia para esta pesquisa, como ficará claro nos próximos capítulos.

Em síntese, o funcionamento do polissistema de literatura traduzida se dá da seguinte forma: ele pode ocupar uma posição mais periférica ou mais central no polissistema literário. Normalmente ocupa uma posição periférica, exercendo pouco poder no sistema e seguindo de forma um tanto quanto submissa os modelos estabelecidos pelo cânone literário, cumprindo assim a função de instrumento de conservação do repertório canônico. Tal processo tende a produzir traduções que se afastam dos modelos e normas da cultura de origem de modo a se ajustarem aos moldes já existentes na cultura de chegada e assim serem melhor aceitas no sistema. Já em situações em que a tradução ocupa uma posição mais central no polissistema literário — por exemplo, no caso de culturas jovens ainda com pouco repertório próprio, de literaturas que ocupam um lugar muito periférico no sistema cultural ou em situações de crise e grandes mudanças de posicionamento nos sistemas —, a literatura traduzida pode exercer um papel inovador, importando repertórios e modelos de outras culturas, não se prendendo

ao cânone local e contribuindo para a transformação e a configuração de sua cultura. Nesse caso, como o objetivo maior da tradução não é obter a *aceitabilidade* do grupo que detém o poder no sistema mas justamente transformar esse sistema ampliando seu repertório, o texto tende à *adequação*, que, nas palavras de Even-Zohar (1990: 50), significa “uma reprodução das relações textuais dominantes do original”¹³. Os conceitos de *adequação* e *aceitabilidade* também serão explorados por Toury.

Dentro desse quadro, a constatação daquilo que é considerado como *equivalência* entre dois textos em línguas diferentes, e portanto o próprio conceito de *tradução*, não pode ser determinado *a priori* nem fora do contexto estudado, pois depende do funcionamento do sistema que dela faz uso. Como diz o próprio autor (*ibid*: 52), “a tradução não é mais um fenômeno cuja natureza e cujas fronteiras são dadas de uma vez por todas, mas uma atividade que depende das relações dentro de um determinado sistema cultural”.¹⁴ De forma análoga ao estudo do polissistema literário, o objetivo dos pesquisadores do polissistema de tradução literária é entender suas relações, o posicionamento e a movimentação de seus estratos, as interferências inter e intra-sistêmicas, os vários repertórios e normas utilizados e o papel da tradução nos sistemas da qual ela faz parte. A compreensão do que é tradução, ou de como as traduções funcionam numa determinada cultura, está diretamente ligada a esse contexto. Como bem resume Marcia Martins:

De acordo com o modelo polissistêmico, o que faz uma dada tradução “funcionar” ou não num determinado período não é a sua qualidade intrínseca, na medida em que tal propriedade não existe, mas sim a sua adequação à prática e à ideologia predominantes — inspiradas e consolidadas pelas estruturas de poder. (Martins, 1999: 52)

Dentro dessa perspectiva, um esboço de lei geral da tradução proposto por Even-Zohar é enunciado da seguinte forma:

Em um sistema-alvo B, seja dentro do mesmo polissistema ou em um polissistema diferente — dependendo de se está estável ou em crise e se é forte ou fraco, em relação a um sistema-fonte A — um texto-alvo b será produzido de acordo com procedimentos de transferência mais as coerções impostas a estes pelas relações internas do polissistema-alvo, as quais ao mesmo tempo governam e são governadas pelo repertório de

¹³ a reproduction of the dominant textual relations of the original

¹⁴ translation is no longer a phenomenon whose nature and borders are given once and for all, but an activity dependent on the relations within a certain cultural system

funções existentes e não existentes do polissistema-alvo.¹⁵ (Even-Zohar, 1990: 78)

Esse modelo permite traçar um complexo mapa de relações dinâmicas entre sistemas e forças de naturezas e intensidades diversas, desde um contexto mais macro, como as coerções exercidas por outros sistemas pertencentes a uma cultura — por exemplo políticos, econômicos ou religiosos —, passando pelas normas e cânones literários vigentes em determinados contextos históricos e culturais e chegando até níveis minuciosos de análise dos objetivos, estratégias e soluções de traduções específicas. De fato, muitas vezes esse arcabouço pode ser considerado complexo demais para que os estudos possam dar conta de todos esses níveis. Outra observação que será importante na presente pesquisa é que freqüentemente, sobretudo em definições sintéticas e abrangentes como a acima citada, a participação individual das pessoas que intervêm nesses processos, as quais de fato constituem os vários sistemas, não é considerada — ou ao menos não recebe destaque. Essa questão merecerá atenção ao longo do presente trabalho.

Para concluir esta seção, no intuito de facilitar a visualização da base teórica aqui sintetizada — que será expandida no próximo capítulo, tornando-se ainda mais complexa —, apresento uma proposta para sua representação gráfica (Figura 1), algo que nunca vi na bibliografia relacionada ao tema. É claro que qualquer ilustração bidimensional implica diversas simplificações. Não tenho a presunção de dar conta de todas as nuances da teoria; viso apenas fornecer um esquema que ajude a visualizar as relações sistêmicas de nosso interesse, as quais aparecem identificadas e em tamanho maior em relação às outras estruturas.

¹⁵ In a target system B, either within the same polysystem or in a different polysystem — depending on whether it is stable or in crisis, and whether it is strong or weak, vis-à-vis a source system A — a target text b will be produced according to transfer procedures plus the constraints imposed upon them by the intra-target-polysystem relations, both governing and governed by the target-polysystem repertoire of existing and non-existing functions.

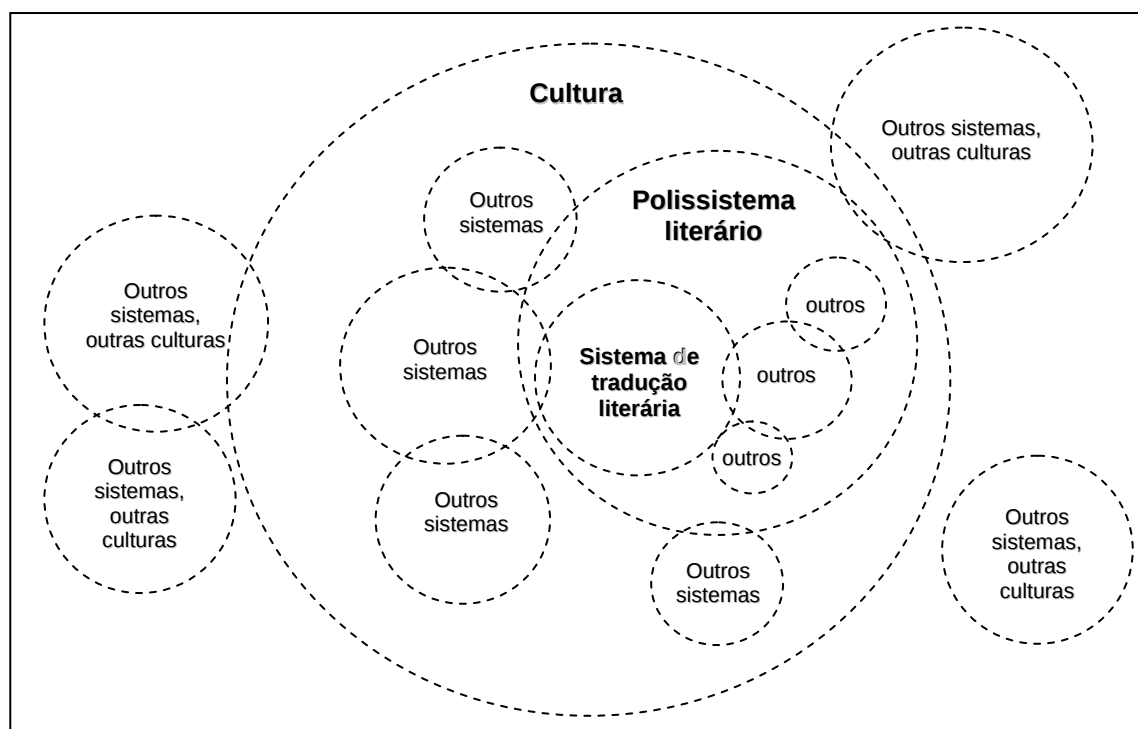


Figura 1 - Representação gráfica da Teoria dos Polissistemas.

II.2 Os Estudos Descritivos de Tradução

O também israelense Gideon Toury foi diretamente influenciado pela teoria de Even-Zohar. Ele reconhece o impacto que a tese de Doutorado de Even-Zohar, de 1971, teve sobre a teoria que ele próprio começava a desenvolver (Toury, 1998). Foi na conferência sobre Literatura e Tradução em Leuven, na Bélgica, em 1976, que Toury apresentou seu primeiro trabalho internacional. Dessa conferência também participaram Even-Zohar e Theo Hermans, outro autor de destaque na linha dos Estudos Descritivos. Em 1980, Toury publicou o livro *In search of a theory of translation*, onde estabeleceu as principais reivindicações, conceitos e objetivos dos Estudos Descritivos da Tradução. Assim como Even-Zohar, nos anos 1990 Toury publicou várias versões revistas e atualizadas de seus textos, e são algumas delas que tomo como base no presente trabalho.

As denominações *Estudos da Tradução* (Translation Studies) e *Estudos Descritivos de Tradução* (Descriptive Translation Studies) são atribuídas a James Holmes. Em seu célebre artigo publicado em 1972, “The name and nature of Translation Studies” (Holmes, 1988), ele apresentou um gráfico que identificava

os vários ramos e subdivisões da disciplina, o qual foi muito empregado por outros estudiosos. A visão abrangente e holística de Holmes dos Estudos da Tradução tem várias características em comum com a Teoria dos Polissistemas (além de outra escola que possui pontos de contato com estas, a Skopostheorie), e portanto também com os Estudos Descritivos.

Penso que aqui cabe fazer um esclarecimento quanto às denominações que emprego neste trabalho. Holmes optou por *Estudos da Tradução* com o propósito de evitar o uso, por um lado, de *ciência* — termo muito associado ao universo material e físico (Snell-Hornby, 1991) e às disciplinas já bem constituídas, o que Holmes não julgava ser o caso da tradução (Lambert, 1991) — e, por outro, de *teoria* — conceito visto como algo desconexo da prática, como um fim em si mesmo, visão contra a qual Holmes também lutava (Lambert, 1991). Contudo, duas décadas após o texto em que Holmes batizou a disciplina, José Lambert (1991) constatou que o termo *Estudos da Tradução* passara a ser fortemente associado à tradução literária e aos Estudos Descritivos, principalmente de teor histórico, o que representa um desvio da definição de Holmes. É claro que há denominações diferentes empregadas por outros autores, como *Tradutologia* e *Teoria da Tradução*, mas nenhuma delas é unívoca. Ao longo do presente trabalho, estou empregando o termo *Estudos da Tradução* entendendo-o do modo como foi apresentado por Holmes, isto é, referente ao campo disciplinar em termos mais amplos e não estritamente associado à tradução literária — que sequer é meu principal foco de estudo — nem aos Estudos Descritivos de Tradução, aos quais em geral chamo apenas *Estudos Descritivos*.

Segundo Mary Snell-Hornby (1991: 14), Holmes freqüentemente enfatizava que, “para o tradutor [...], é inútil uma teoria que não consegue ver além dos limites da sentença”¹⁶. Ele reivindicava um aumento de perspectiva nos Estudos da Tradução, trazendo *insights* externos à Lingüística e perseguindo uma visão holística da nova área de estudo, que constituiria um campo do saber próprio mas cuja origem e natureza eram — e ainda são — multidisciplinares e multidimensionais. Falando sobre o *state of the art* (em 1991, há quase 15 anos) dos Estudos da Tradução, Snell-Hornby constata que muito da luta de Holmes tornou-se realidade entre as teorias de tradução atuais, que abrangem todas as

¹⁶ for the translator [...], a theory is useless which cannot see beyond the limits of the sentence

formas de tradução, inclusive as que até pouco tempo atrás eram freqüentemente excluídas do escopo da área, tais como a interpretação e a tradução audiovisual. Um parêntese que considero importante é que, na longa lista dos campos que compõem os Estudos da Tradução, Snell-Hornby inclui algumas das formas de tradução audiovisual como fazendo parte da tradução literária:

Tal interdisciplina não podia mais ser representada por um campo de estudos bidimensional [tradução literária e “outras” traduções], mas seria um complexo multidimensional que conecta campos tão variados quanto os seguintes: estudos lingüísticos especiais, terminologia e lexicografia, tradução automática e tradução assistida por computador; áreas relevantes da lingüística, como a semiótica, a gramática contrastiva, a lingüística textual, a sócio e a psicolingüística; *tradução literária (incluindo todas as formas de tradução cênica, diálogos fílmicos e dublagem, legendas, etc.)* e campos de interesse próximos, da história literária à psicologia.¹⁷ (Snell-Hornby, 1991: 19 — grifo meu)

Apesar de explicitamente incluídos nos Estudos da Tradução alguns dos tipos de tradução audiovisual — que só recentemente passaram a receber maior atenção teórica —, em minha opinião não deixa de ser curioso que eles ganhem uma posição restrita e um tanto quanto controversa como uma subárea da tradução literária, particularmente num texto que enfatiza a pluralidade da área. No próximo capítulo, buscarei dar à tradução audiovisual um lugar que considero mais lógico, principalmente visando propiciar um desenvolvimento maior e bem fundamentado desse campo dos Estudos da Tradução.

Mas voltemos a Gideon Toury. Em linhas gerais, como já dito, ele se baseia na teoria de Even-Zohar e adota numa visão sistêmica da tradução, a qual é entendida como inserida no sistema maior de uma determinada cultura. Seu foco não se restringe ao polissistema literário e nem exclusivamente à tradução literária mas, como ele e a maioria dos principais teóricos que desenvolvem trabalhos nessa linha provêm do campo da Literatura, inevitavelmente os estudos mais influentes acabam tratando da tradução literária (Toury, 1998). Assim como reivindicado por Even-Zohar, Toury procura não partir de uma concepção *a priori* do que é tradução, de forma a considerar como objeto passível de estudo todo

¹⁷ Such an interdiscipline could no longer be represented as a neat two-dimensional [literary translation and “other” translation] field of study, but would rather be a multi-dimensional complex linking such varied fields as the following: special language studies, terminology and lexicography, machine translation and machine-aided translation; relevant areas of linguistics such as semantics, contrastive grammar, text linguistics, socio- and psycholinguistics; literary translation (including all forms of stage translation, film dialogue and dubbing, sub-titles and so forth) and neighbouring fields of interest from literary history to psychology.

texto que seja aceito como tradução por uma dada cultura. Essa idéia, que Toury apresenta como “hipótese de trabalho”, está ligada a seu conceito de *assumed translation*, o qual veremos em mais detalhe na Seção II.2.2. Ele desenvolve então uma metodologia para o estudo de traduções que se baseia fortemente em sua exploração do conceito de *norma*, também de grande relevância no presente trabalho, e que examinaremos na Seção II.2.3. Mas, antes disso, apresentarei brevemente a visão de Toury sobre o funcionamento sistêmico da tradução e a metodologia que ele propõe para o estudo dessa atividade no contexto do paradigma que ele defende, conhecido como *target oriented*.

II.2.1 O foco no sistema-alvo

Reagindo contra a forte tendência que havia até os anos 1970 de estudar a tradução sempre a partir do texto original e reivindicando que só é possível estudar uma dada tradução a partir da constatação de que ela exerce essa função num sistema, Toury defende e adota uma abordagem conhecida como *target oriented* — de difícil tradução em português, mas poderíamos dizer que seu foco principal está no sistema do texto-alvo. A necessidade da tradução é geralmente determinada pela cultura-alvo e ela é ali produzida com o objetivo de ocupar um lugar ou preencher alguma lacuna nesse sistema. Mesmo em casos em que a tradução é realizada ou imposta pela cultura de origem — como por vezes ocorre com obras literárias brasileiras, por exemplo, que são traduzidas aqui para então serem exportadas para outras culturas —, a tradução só funcionará como tal se o sistema-alvo lhe der esse uso. Em suma, é a partir da cultura-alvo que é possível constatar que um determinado texto é tratado como uma tradução, sendo a partir desse fato que a pesquisa tem início (Toury, 1995b).

No entanto, Toury (1991) argumenta contra a visão às vezes disseminada de que os Estudos Descritivos se preocupam *apenas* com o lugar da tradução na cultura-alvo. Ele também contesta a divisão dos Estudos Descritivos em *function oriented*, *process oriented* e *product oriented* como subáreas separadas — tal como consta no gráfico da disciplina feito por James Holmes (1988). De fato, essas três abordagens são interdependentes: a *função* que um texto traduzido desempenhará na cultura-alvo orienta o *processo* através do qual o *produto* traduzido é elaborado. Toury não exclui de sua abordagem o texto e a cultura de

partida e nem o processo de produção da tradução, inclusive segundo a perspectiva cognitiva, mas justifica que a hierarquia que ele julga apropriada considera o sistema-alvo em primeiro lugar por ser, por um lado, o fim que rege todo o processo da tradução e, por outro, o ponto de partida do pesquisador.

Marcia Martins oferece uma explicação sucinta de todo esse movimento:

As tradicionais preocupações essencialistas dão lugar a uma visão funcionalista, na medida em que o novo paradigma tenta explicar as estratégias textuais que determinam a forma final de uma tradução e o modo como esta funciona na literatura receptora. Procura, ainda, entender as razões que levaram o tradutor a recorrer a certas decisões e estratégias, além de chamar a atenção para as condições sociohistóricas que permeiam a sua atividade, oferecendo, assim, uma idéia mais clara dos mecanismos que permitem às traduções funcionarem (ou não) na cultura de recepção. Para o estudioso, o que importa é determinar o lugar que uma tradução ocupa dentro do sistema literário da língua-meta, e não mais verificar até que ponto o texto traduzido conseguiu refletir o chamado original. (Martins, 1999: 32)

O percurso metodológico seria então o seguinte (Toury, 1995b): o pesquisador deve começar com a menor quantidade de pressupostos possível, evitando impor suas próprias distinções. Ele observa o funcionamento sistêmico de uma determinada cultura e identifica os textos que exercem a função de traduções. Isso exige um grande trabalho de contextualização do fenômeno estudado, o mais detalhado possível e em diferentes níveis — desde o plano mais macro, cultural, até o micro, referente às características dos textos estudados. Após formular hipóteses iniciais sobre algum fenômeno observado, o pesquisador realiza estudos de casos mais aprofundados, cujos resultados o levarão a revisar seus postulados teóricos, gerando novas hipóteses. Estas são testadas através de mais análises empíricas e novamente conduzem a uma adaptação da teoria, e assim sucessivamente. Desse modo, partindo da constatação de uma tradução na cultura-alvo, o objetivo do estudioso é ir reconstruindo os objetivos, as tensões e as coerções que regeram a produção dessa tradução com base nos vários níveis sistêmicos observados, procurando chegar, ainda que de forma hipotética, às intenções que determinaram decisões de diversas naturezas tomadas em todo o processo da tradução. Em resumo, nas palavras do autor,

um estudo das atividades tradutórias que já geraram seus produtos deve começar pelos *observáveis*, antes de mais nada, os próprios enunciados traduzidos, ao longo de seus constituintes, situados em seus contextos imediatos. A partir daí, o estudo pode proceder aos fatos observáveis “de segunda ordem” (i.e. fatos que precisam ser (re)construídos antes de

ficarem sujeitos a análise), notadamente as relações que unem o *output* e o *input* de atos individuais, sendo a intenção final terminar reconstruindo os *não-observáveis* na sua origem, particularmente os processos exatos através dos quais eles passaram a existir.¹⁸ (Toury, 1995b: 145)

Outros autores elaboraram modelos metodológicos mais explícitos e práticos, como o apresentado no consagrado texto de José Lambert e Hendrik van Gorp “On describing translations” (1985), que está resumido na Seção II.3.

Toury (1991) também desmistifica a idéia de que a função desses estudos seja apenas descrever estados de coisas sem que os resultados tenham qualquer aplicação, idéia essa gerada a partir de sua afirmação de que o pesquisador não deve fazer julgamentos valorativos sobre os casos estudados. Segundo o autor, o objetivo da pesquisa é produzir *explicações* (portanto não prescrições) sobre a produção e a recepção das traduções em culturas e épocas variadas. Porém, uma vez produzidas essas explicações, elas podem ser empregadas com vários propósitos, tais como o ensino da tradução numa determinada cultura — o que pode ser feito inclusive de forma prescritiva.

Além disso, a meta mais alta (e, em meu entender, controversa, como será discutido na Seção II.4) que ele estabelece para os Estudos da Tradução — e para a qual os Estudos Descritivos em parte contribuem — é a elaboração de uma teoria geral da tradução por meio da formulação de um conjunto coerente das leis que regem o comportamento tradutório através das várias culturas e modalidades de tradução. Essa teoria deveria ser capaz de explicar o que a tradução é em determinadas circunstâncias, de prever o que ela provavelmente será dadas certas condições e, finalmente, de dar conta de tudo aquilo que a tradução pode vir a ser. Essa teoria seria expandida aos poucos, por meio do aporte de várias contribuições teóricas parciais desenvolvidas a partir de estudos de caso, numa progressão helicoidal infinita na qual a teoria informa as pesquisas concretas e estas expandem a teoria. Nas palavras de Toury,

[u]ma teoria refinada dessa forma também possibilitará a realização de estudos descritivo-explanatórios ainda mais elaborados, os quais, por sua

¹⁸ a study in translation activities which have already yielded their products would start with the *observables*, first and foremost, the translated utterances themselves, along with their constituents, as situated within their immediate contexts. From there on, the study could proceed to facts which are observational ‘in the second order’ (i.e. facts which need (re)construction before they can be submitted to scrutiny), most notably the relationships which tie together the output and input of individual acts, the ultimate intention being to end up reconstructing the *non-observables* at their root, particularly the exact processes whereby they came into being.

vez, enriquecerão a teoria tornando-a progressivamente mais intrincada; e assim por diante, rumo a uma compreensão cada vez melhor dos modos como *a tradução e os tradutores, tanto como indivíduos quanto como membros de grupos sociais, transitam entre as várias coerções impostas a eles*.¹⁹ (Toury, 1991: 186 — grifo meu.)

O segmento grifado na citação acima é um ponto que será bastante explorado mais adiante no presente trabalho, principalmente nos Capítulos IV e V.

É claro que todo esse percurso — desde a identificação da tradução como fato contextualizado da cultura-alvo até suas intenções iniciais, investigando o processo nos vários níveis sistêmicos, apresentando explicações e contribuindo para a elaboração de uma teoria cada vez mais vasta e complexa — não precisa ser feito em cada trabalho de pesquisa desenvolvido, ainda que Toury (1991) afirme que todo estudo bem realizado acaba funcionando como uma verificação das teorias subjacentes. Conforme comentamos na seção anterior, sobre a Teoria dos Polissistemas, é possível fazer vários recortes, de modo a focar somente uma parte desse processo. A presente pesquisa não tem a ambição de transcender o polissistema cultural brasileiro, debruçando-se predominantemente sobre um de seus sistemas — o polissistema audiovisual — e examinando em detalhe uma modalidade específica de tradução — a legendagem. Além disso, ao longo deste estudo meu foco de interesse se deslocará da caracterização dessa atividade, com seus produtos, consumidores, mercados, instituições e normas, para seu processo de produção, o qual é freqüentemente deixado de lado em pesquisas descritivas.

II.2.2 O conceito de *assumed translation*

Em português, já me deparei com a tradução deste termo como *tradução assumida*, mas dada a ambigüidade dessa expressão prefiro utilizar *tradução suposta*, ainda que nunca tenha visto essa solução para *assumed translation*. De qualquer forma, o termo se refere àqueles textos que se supõe (ou assume) que sejam traduções.

Como já foi mencionado, Toury argumenta contra a investigação teórica a partir de conceitos *a priori*, principalmente o de *tradução*. Isso porque, segundo o

¹⁹ A theory thus refined will also make possible the performance of yet more elaborate descriptive-explanatory studies, which will, in turn, bear on the theory making it ever more intricate; and so on and so forth, towards an ever better understanding of the ways translation and translators, as individuals and members of societal groups alike, manoeuvre within the various constraints imposed on them.

autor, esse tipo de postura visa imobilizar aquilo que é necessariamente variável, além de gerar uma circularidade em que os fatos são analisados de modo a confirmar os pressupostos dos quais parte a investigação. A citação abaixo deixa mais claros esses argumentos:

qualquer definição *a priori*, especialmente se formulada em termos essencialistas, que supostamente especifique o que é “inerentemente” tradutório, envolveria uma pretensão insustentável de fixar de uma vez por todas as fronteiras de um objeto que — culturalmente falando — se caracteriza justamente pela sua *variabilidade*: diferença entre culturas, variação dentro de uma cultura e transformação ao longo do tempo. Desse modo, não somente o campo de estudo ficaria consideravelmente reduzido em relação àquilo que as culturas têm aceito e estão dispostas a aceitar como traduções, como a pesquisa limitada a essas fronteiras também produziria um raciocínio circular: isso porque a definição à qual se adere, independente de qual seja o objeto de estudo — que foi selecionado para estudo pois sabe-se que cabe na definição, para começar — está fadada a reafirmar a definição.²⁰ (Toury, 1995b: 141)

Toury (1995b) insiste em que, para o pesquisador, o objetivo é compreender a fundo as atividades estudadas, independentemente dos rótulos a elas atribuídos pelos teóricos. Conforme visto na Seção II.1.2, Even-Zohar argumenta que denominações como “adaptação” ou “imitação” servem para excluir do âmbito da investigação aqueles produtos de transferência interlingual que não se ajustam à noção preconcebida do investigador de como deve ser uma tradução. Segundo Toury, esses rótulos não têm muita utilidade nem relevância se o pesquisador mantém o foco em um conjunto de fenômenos detalhadamente contextualizado e não insiste em querer fixar a natureza desses fenômenos segundo seu julgamento. De fato, com relação a distinções terminológicas problemáticas como aquelas entre “tradução” e “adaptação”, Toury (*ibid*: 142) afirma que “o número dessas distinções pode ser multiplicado quase que indefinidamente e, de qualquer forma, elas não têm muito a oferecer em termos de poder explicativo quando se trata de fenômenos culturalmente contextualizados”.²¹ Ele então apresenta um conceito mais amplo de tradução que

²⁰ any *a priori* definition, especially if couched in essentialist terms, allegedly specifying what is ‘inherently’ translational, would involve an untenable pretense of fixing once and for all the boundaries of an object which — culturally speaking — is characterized by its very *variability*: difference across cultures, variation within a culture and change over time. Not only would the field of study be considerably shrunk that way, in relation to what cultures have been, and are willing to accept as translational, but research limited to these boundaries may also breed circular reasoning: to the extent that the definition is indeed adhered to, whatever is studied — selected for study because it is known to fall within it, in the first place — is bound to reaffirm the definition.

²¹ the number of these distinctions could be multiplied almost indefinitely, and, at any rate, they do

abrange todas as atividades que ele considera relevantes para os Estudos da Tradução, definindo aquilo que se supõe ser uma tradução como um conjunto interconectado de pelo menos três postulados (*ibid*: 143-144):

- (i) o postulado do texto-fonte (*source-text postulate*), segundo o qual presume-se a existência de um texto anterior à tradução, do qual esta procede;
- (ii) o postulado da transferência (*transfer postulate*), que assume que o processo de tradução tenha envolvido a transferência de certas características do suposto texto-fonte, as quais a tradução retém e que passam a estar presentes em ambos; e
- (iii) o postulado da relação (*relationship postulate*), que supõe a existência de relações verificáveis que vinculem a tradução ao seu suposto texto-fonte.

Esses postulados *podem* ser verificados pelo pesquisador, mas a comprovação ou não de sua veracidade — através da análise comparativa entre a tradução e seu original, por exemplo — não influi no uso que a comunidade estudada faz do texto e em sua condição de *tradução suposta*. Isto é, o modo como tradicionalmente entende-se a *equivalência* é invertido: em vez de constituir uma característica intrínseca daquilo a que se denomina tradução, sendo tarefa do teórico julgar se ela foi ou não atingida, a equivalência passa a ser postulada a partir das suposições acima, cabendo ao teórico compreender, na cultura e no contexto estudados, quais as normas que precisaram ser atendidas para que um texto fosse aceito como equivalente a outro. Como sintetiza Theo Hermans (1991: 157), “‘equivalência’ é meramente o nome dado à ‘relação tradutória’ que existe entre dois textos, um dos quais é uma tradução do outro.”²²

Pode inclusive acontecer de não se ter acesso ao texto original, de uma tradução ser produto de vários originais diferentes ou de um texto que é amplamente reconhecido como uma tradução legítima em um contexto não o ser em outro, como Even-Zohar e Toury afirmam ser o caso da literatura traduzida na cultura israelense, que não seria considerada tradução para os padrões ocidentais por muitas vezes não se prender à forma original ou a um único texto-fonte. Para que um texto exerça o papel de tradução basta que os postulados acima estejam

not offer very much by way of explanatory power, when it comes to culturally contextualized phenomena

²² ‘equivalence’ is merely the name given to the ‘translational relation’ that exists between two texts, one of which is a translation of the other.

supostos, mas não é imprescindível que sejam confirmados. De fato, a maioria dos consumidores de textos traduzidos nem pensaria em fazer essa comprovação, visto que, nas palavras de Toury (1995b: 137), “quando um texto é oferecido como uma tradução, ele é prontamente aceito como tal de boa fé, sem mais perguntas”²³. Assim, se uma comunidade supõe que um texto é uma tradução, então ele pode ser incluído no escopo dos Estudos da Tradução como um objeto de estudo válido.

Sintetizando os três postulados, a definição de *tradução suposta*, objeto de estudo do pesquisador de tradução, é:

qualquer texto da cultura-alvo em relação ao qual existem razões para que tentativamente se postule a existência de outro texto, em outra cultura e língua, do qual ele foi presumivelmente derivado através de operações de transferência e ao qual ele agora está vinculado por meio de determinadas relações, algumas das quais podem ser vistas — dentro daquela cultura — como necessárias e/ou suficientes.²⁴ (*ibid*: 145)

Portanto, o objetivo do estudioso é investigar o campo da tradução — sua concepção em cada cultura, seu funcionamento, sua história, seus produtos, os processos que geram esses produtos, as intenções e coerções que direcionam esses processos — de modo a compreender por que ela se comporta de certa forma ou ocupa uma dada posição, para então poder determinar seus comportamentos futuros ou potenciais.

Nos próximos capítulos, também explorarei essa questão tendo em vista a prática específica da tradução para legendas, dentro do contexto da tradução audiovisual.

II.2.3 O conceito de *norma* e as normas de tradução

As duas seções anteriores sinalizam a importância, para Toury, do estudo das coerções, estratégias e objetivos implicados na realização de traduções. Isso nos traz a um dos pilares de sua teoria: o conceito de *norma*, que ele adapta ao campo da tradução a partir da Antropologia, da Sociologia e da Psicologia. Nesta seção, estão sintetizadas as reflexões sobre esse conceito que julgo mais pertinentes, as

²³ when a text is offered as a translation, it is quite readily accepted bona fide as one, no further questions asked

²⁴ any target-culture text for which there are reasons to tentatively posit the existence of another text, in another culture and language, from which it was presumed derived by transfer operations and to which it is now tied by certain relationships, some of which may be regarded — within that culture — as necessary and/or sufficient.

quais foram extraídas de dois textos de Toury (1995a e 1998), exceto quando indicado de outra forma.

De modo geral, as normas são oriundas das convenções sociais, as quais são permanentemente negociadas em função de ações realizadas. Segundo explica Theo Hermans (1991), as convenções decorrem de comportamentos regulares que se mostram soluções eficientes para problemas recorrentes, tornando-se a ação preferida por um grupo de indivíduos em determinadas situações. Essa regularidade passa a gerar expectativas de comportamento, aumentando a previsibilidade das ações e restringindo as opções de resposta às situações recorrentes, isto é, adquirindo força normativa.

Portanto, as normas refletem os valores e as idéias partilhados por uma comunidade, traduzidos em instruções implícitas que regem o comportamento de membros de um grupo em certas circunstâncias, e podem ter abrangência e força muito variáveis. Cada indivíduo apreende as normas existentes em sua comunidade durante sua socialização, através de sanções reais ou potenciais positivas (recompensas para quem as cumpre) ou negativas (restrições para quem não as observa). Ainda assim, uma norma não é uma lei, capaz de regulamentar um comportamento como sendo o único lícito e de impor punições a quem não o cumprir. É claro que, dependendo do poder de uma norma, aquele que optar por não segui-la pode sofrer alguma consequência no contexto em que a situação ocorre, mas de modo geral as normas admitem uma gama relativamente vasta de comportamentos discrepantes sem que sejam por estes invalidadas. Nas palavras de Hermans, “a existência de uma norma não impede o comportamento errático ou idiossincrático, e uma norma não pode impedir que alguém decida rompê-la deliberadamente”²⁵ (*ibid*: 162). Segundo esse autor, tal tolerância é importante para manter um certo grau de heterogeneidade no sistema, o que lhe permite se adaptar e transformar com o tempo.

As normas propriamente ditas não são verbalizadas. Elas podem ser menos ou mais explícitas, e freqüentemente as mais explícitas são enunciadas na forma de regras, em geral com o objetivo de sistematizar ou controlar o comportamento dos membros de um grupo. Toury ressalta que, quando ocorre essa explicitação por meio de enunciados, estes não refletem estritamente a natureza das normas

²⁵ the existence of a norm does not preclude erratic or idiosyncratic behavior; nor can a norm prevent anyone from setting out deliberately to break it.

que pretendem revelar, pois os interesses de quem verbaliza os enunciados estão também neles implicados. Ainda assim, a explicitação de regras é uma evidência da importância e do grau de consciência que se tem das normas subjacentes. Desse modo, em termos do nível de explicitação, se o entendermos como uma gradação, no extremo mais fraco estariam as *convenções*, que seriam mais difusas ou obscuras, e, no extremo mais forte, as *regras*, explicitamente enunciadas. Entre elas estariam as normas, com uma ampla variação entre um extremo e outro.

Já com relação ao poder de coerção sobre o comportamento dos indivíduos, na extremidade mais forte estariam as *regras gerais*, amplamente aceitas e consideradas, por assim dizer, absolutas, e, na mais fraca, as *idiosincrasias*. Novamente, as normas preencheriam o vasto espaço entre umas e outras, podendo inclusive assumir o caráter de regras absolutas ou de idiosincrasias quando próximas das extremidades desse espectro. De fato, nas palavras, de Toury,

[e]m um sentido muito forte, os dois outros tipos de coerções [regras e idiosincrasias] são meras variações de normas, e não entidades independentes. Portanto, eles podem facilmente — e de modo justificado — ser redefinidos em seus próprios termos: regras como normas “[mais] objetivas”, idiosincrasias como normas “[mais] subjetivas [ou: menos intersubjetivas]”.²⁶ (Toury, 1998: 17)

Isto é, toda a gama de coerções sobre o comportamento de uma comunidade, desde as mais genéricas e estabelecidas até as mais individuais, seriam de interesse para quem estuda o funcionamento dessa comunidade.

É claro que a gradação e a distinção entre as várias normas são relativas e um tanto quanto difusas, até porque os sistemas são dinâmicos, as ações são permanentemente renegociadas e o papel de cada norma nunca é totalmente cristalizado. A própria diferenciação entre o que seria uma convenção ou uma idiosincrasia só existe no âmbito da rede conceitual em que elas estão inseridas e de acordo com a perspectiva de quem pretende estabelecer essa diferenciação. Sobre comportamentos considerados idiosincráticos, por exemplo, Toury destaca que membros da comunidade ou observadores externos são capazes de reconhecê-los como tal “somente contra o pano de fundo da nossa familiaridade com o

²⁶ In a very strong sense, the other two types of constraints [rules and idiosyncrasies] are mere variations of norms, and not independent entities. Consequently, they may easily — and justifiably — be redefined in their terms: rules as ‘[more] objective’, idiosyncrasies as ‘[more] subjective [or: less inter-subjective]’ norms.

comportamento médio e sua gradação interna”²⁷ (*ibid*: 17).

Além de, naturalmente, variarem com o tempo, as normas variam entre os (sub)sistemas de uma cultura e permeiam culturas diferentes, adquirindo graus distintos de generalização e coerção conforme as características específicas de cada sistema, das instituições e pessoas que o integram e de suas relações de poder. Desse modo, em função da interação entre os múltiplos sistemas e subsistemas, algumas normas ganham poder enquanto outras o perdem; normas bem estabelecidas em um contexto podem ser novidade em outro e já obsoletas em um terceiro; ou mesmo comportamentos mais próximos da idiossincrasia ou oriundos de sistemas periféricos podem ir ganhando *status* com o tempo e tornando-se mais influentes. Em sistemas maiores e mais heterogêneos, muitas normas podem ser mais genéricas e vagas, enquanto em sistemas mais restritos e homogêneos o poder de coerção sobre seus integrantes tende a ser maior. Nas palavras de Toury:

aquilo que é apenas um tipo de comportamento preferido em um grupo grande e/ou heterogêneo pode ganhar muito mais poder coercitivo em um determinado subgrupo dele, que provavelmente também será mais homogêneo (p.ex., tradutores entre produtores de textos, tradutores de literatura entre tradutores, tradutores de poesia entre tradutores de literatura, tradutores ativos em um centro sistêmico vs. tradutores que operam em uma periferia, etc.). Pode-se discernir um tipo semelhante de relatividade em termos dos tipos de atividades, os quais ou formam parte um do outro (p.ex., a interpretação ou a tradução jurídica dentro da tradução como um todo) ou apenas partilham territórios adjacentes (p.ex., crítica de tradução vs. a tradução propriamente dita [...]). Desse modo, ainda que seja uma única pessoa que empreende mais de uma atividade e/ou pertence a mais de um (sub)grupo, ela pode muito bem seguir normas diferentes e manifestar diferentes tipos de comportamento em cada um de seus papéis e contextos sociais.²⁸ (*ibid*: 17-18)

Essa pluralidade de papéis e a convivência com normas de mais de um subsistema constituem uma questão bastante relevante no contexto do presente trabalho. No Capítulo IV veremos os vários conjuntos de normas com que o tradutor para

²⁷ only against the backdrop of our acquaintance with the middle ground and its internal gradation

²⁸ what is just a favoured mode of behaviour within a large and/or heterogeneous group may well be assigned much more binding force within a particular subgroup thereof, which is likely to be more homogeneous too (e.g. translators among text-producers, translators of literature among translators, translators of poetry among translators of literature, translators active in a systemic centre vs. translators who operate on a periphery, etc.). A similar kind of relativity can be discerned in terms of types of activity, forming either parts of each other (e.g. interpreting, or legal translation, within translation at large) or just sharing adjacent territories (e.g. translation criticism vs. actual translation [...]). Thus, even if it is one and the same person who engages in more than one activity, and/or belongs to more than one (sub) group, s/he may well abide by different norms, and manifest different kinds of behaviour, in each one of his/her roles and social contexts.

legendas deve lidar em diversas situações de trabalho e como eles influem no resultado das traduções.

A partir dessas considerações sobre as normas e seu funcionamento, Toury estabelece algumas categorias de normas especificamente ligadas à tradução (ver, além dos dois textos de Toury, Martins (1999)):

- normas preliminares (*preliminary norms*): regem a seleção dos textos a serem traduzidos e as estratégias globais adotadas para a sua realização e inserção no sistema-alvo, decisões que muitas vezes não são tomadas pelo tradutor mas pelos outros agentes e instituições envolvidos;
- normas iniciais (*initial norms*): mais ligadas às decisões tomadas pelo tradutor, determinam suas políticas e estratégias em função do lugar que a tradução pretende ocupar no sistema-alvo, tal como o grau de adequação (reprodução das relações intra-textuais do texto de partida) e de aceitabilidade (aproximação maior às normas textuais da cultura de chegada) buscados; e
- normas operacionais (*operational norms*): referentes às decisões tradutórias, isto é, envolvendo a relação existente entre a tradução e o original, dividem-se em normas matriciais (*matricial norms*), que determinam os acréscimos, omissões, alterações e segmentações feitos com relação ao texto de partida, e normas textuais (*textual norms*), que regem opções lingüísticas e estilísticas.

É claro que essas distinções não são estritamente delimitadas, constituindo mais um suporte metodológico para o pesquisador. Como foi dito, as normas são estabelecidas nas sociedades a partir da classificação de inúmeras situações particulares em determinados tipos de ações ou comportamentos recorrentes, visando restringir a variabilidade e imprevisibilidade dessas situações (Hermans, 1991). O estudioso, por sua vez, identifica esses comportamentos recorrentes para inferir as normas subjacentes que os regem. Mas Toury deixa claro que não existem regularidades absolutas no comportamento humano, o qual sempre envolverá uma combinação de normas, políticas e preferências em diversos níveis — e isso vale para ambos os extremos: o comportamento nunca será nem 100% regido nem 100% errático.

Essa combinação de múltiplas normas se dá de modo especial na atividade da tradução, visto que ela necessariamente envolve pelo menos dois sistemas de

normas — aquelas subjacentes ao texto original, sua língua e cultura, e as do sistema-alvo. Como mediador, a tarefa do tradutor é produzir um texto que represente outro, pré-existente (que ocupa uma determinada posição na sua cultura de origem), e que consiga ocupar um lugar (preferencialmente aquele que os produtores da tradução tinham em mente ao empreender essa tarefa) na cultura de chegada. Em outras palavras, o texto traduzido deve conjugar um grau satisfatório de adequação e um nível suficiente de aceitação para os seus propósitos. Em muitos casos, os dois sistemas culturais não serão plenamente compatíveis e o tradutor buscará uma solução de compromisso, fazendo concessões de um lado ou de outro. É claro que cada tradutor tomará uma série de decisões idiossincráticas, mas, segundo Toury, o fato de que tantas traduções ocupem a posição planejada indica que há um grau significativo de regularidade nas estratégias adotadas.

Além disso, em função das normas que regem a atividade da tradução em cada contexto, os textos traduzidos partilham de certas características formais — estruturas estilísticas, construções sintáticas, opções lexicais — que em muitos casos permitem aos integrantes da cultura-alvo identificá-los como sendo traduções, mesmo sem ter acesso ao original — o que reforça a noção de tradução suposta vista na seção anterior. Em função de sua vivência no sistema e portanto do conhecimento das normas que o regem, ao receberem textos assumindo que são traduções os consumidores são capazes de perceber se o tradutor aderiu menos ou mais às práticas de tradução hegemônicas naquele contexto observando aquelas características formais comuns aos textos traduzidos do sistema. Isso leva Toury a argumentar que a tradução possui normas textuais específicas, diferentes daquelas que regem a escrita autoral na mesma cultura.

O processo de socialização dos tradutores com relação às normas de tradução é semelhante àquele descrito mais no início desta seção, sobre a socialização dos indivíduos de uma comunidade: a recepção de cada texto traduzido produz um retorno para o tradutor quanto às expectativas e às reações dos consumidores, as quais podem acarretar sanções positivas ou negativas. Com base nesse retorno, o tradutor passará a ajustar suas estratégias e decisões em função de suas finalidades, buscando antecipar a recepção que seu texto terá. Com a experiência, muitas estratégias acabarão ficando automatizadas, de modo que diversas decisões tradutórias serão tomadas sem que o tradutor precise ponderar explicitamente sobre as consequências de cada ato. Nesse processo, as normas vão

sendo renegociadas ou perpetuadas.

Visto que as normas mais gerais ou canônicas são interiorizadas pelos tradutores, geralmente os esforços mais conscientes são dirigidos às decisões mais problemáticas ou controversas, podendo mesmo implicar a infração de uma norma, em função de determinados objetivos. Por isso, como mostra Hermans (1991), a “simples” tradução, que parece não envolver maiores reflexões sobre as decisões tomadas, significa que o tradutor está aderindo às normas hegemônicas, por ele interiorizadas. Naturalmente, os grupos e instituições que detêm o poder em um sistema desejam a manutenção das normas canônicas que padronizam o trabalho de tradutores e regem a preferência dos consumidores.

Uma consequência disso é que os tradutores iniciantes, que ainda não ocuparam um lugar no mercado, costumam ser mais conservadores, com o objetivo (geralmente inconsciente) de obterem boa aceitação. Entre eles, os desvios de norma tendem a ser considerados erros, e não alternativas possíveis ou inovações. Estas, por outro lado, são mais bem recebidas pela comunidade quando propostas por tradutores que já detêm maior prestígio no sistema, os quais podem tentar expandir o escopo daquilo que é aceitável correndo menos riscos de sofrerem sanções negativas. Como já visto, são várias as normas que interagem e trafegam entre sistemas e subsistemas, muitas delas concorrentes ou conflitantes, e que se transformam ao longo do tempo. Os tradutores sempre têm mais de uma opção possível em relação ao caminho a ser seguido e devem saber lidar com os diversos repertórios que têm à disposição. Cada decisão tomada adere a certos conjuntos de normas e pode estar desrespeitando outros. Como sintetiza Theo Hermans (1991: 168), “traduzir é menos uma questão de aderir em larga escala a uma única norma geral do que de *negociar uma multiplicidade de normas*, com graus variáveis de sucesso, para atingir objetivos complexos”.²⁹ O grifo é meu, para destacar um aspecto importante da tradução audiovisual, conforme veremos no Capítulo IV.

Finalmente, a tarefa do pesquisador é procurar chegar às normas que governam a atividade da tradução em cada contexto específico, para através delas compreender o papel da tradução no sistema. Como já foi dito, a contextualização detalhada do fenômeno estudado é fundamental para estabelecer as relações e os

²⁹ translating is less a matter of full-scale adherence to a single overriding norm than of negotiating a multiplicity of norms, with varying degrees of success, to reach complex aims

conceitos existentes e entender a função de cada norma. As fontes de estudo das normas são:

- o que Toury chama de *produtos primários*, isto é, os textos traduzidos que constituem objetos de estudo, através do reconhecimento de estratégias e padrões;
- os *produtos secundários*, ou seja, os para-textos (a forma de apresentação da tradução; no caso de livros, capa, quarta-capa, orelhas, etc.) e meta-textos (textos sobre a tradução, tais como prefácios, resenhas, críticas, resumos, etc.), a partir dos quais é possível inferir os interesses na produção do texto; e
- *regras explícitas*, tais como instruções passadas ao tradutor (pelo cliente, por exemplo), as quais buscam condicionar e restringir seu comportamento e que também revelam interesses e estratégias gerais.

II.2.4 Os mecanismos de controle

As teorias apresentadas por Even-Zohar e Toury descrevem, em termos gerais, os mecanismos de controle empregados por aqueles que detêm o poder para manter-se no centro dos sistemas. Como foi visto, os grupos e instituições centrais tendem a impor sua ideologia e seus valores ao sistema por meio de normas, e estas são associadas a qualidade e prestígio. Os integrantes do sistema que aderem a essas normas obtêm maior aceitação e, ao mesmo tempo, ajudam a reforçar o cânone.

O teórico belga André Lefevere, vinculado aos Estudos Descritivos de Tradução mas também influenciado pela teoria de Michel Foucault, dedicou maior atenção às forças que atuam nos sistemas e às estruturas de poder que os caracterizam, de certa forma refinando esse aspecto das teorias de Even-Zohar e Toury. Também enfocando a literatura, ele procurou compreender e explicitar as relações de poder e influência entre os integrantes do polissistema literário, atendo-se particularmente à tradução literária e a outras formas de reescrita de textos provenientes de outros sistemas — tais como resumos, resenhas, críticas, citações e referências, assim como o uso de fragmentos dos textos com diversas finalidades. Suas contribuições tiveram grande influência nos Estudos da Tradução e também serão relevantes na presente pesquisa sobre a tradução audiovisual.

Lefevere (1992) divide os mecanismos de controle em dois tipos inter-relacionados: um interno ao polissistema literário e outro externo. Internamente, os profissionais da área literária — como críticos, revisores, professores e tradutores — são responsáveis por filtrar os produtos literários segundo o repertório canônico (a *poética*, de acordo com a nomenclatura de Lefevere) e a ideologia dominante no sistema. Isso é feito através da repressão a textos divergentes do cânone ou de sua transformação, por meio de reescritas, até que eles sejam considerados aceitáveis. O mecanismo de controle externo ao polissistema literário é o que Lefevere denomina *patronagem* (*patronage*), termo com o qual ele se refere às pessoas e instituições que impõem coerções, principalmente de cunho ideológico, sobre a literatura de uma cultura. Como exemplos dessas pessoas e instituições, Lefevere lista figuras históricas tais como a família Médici e o rei Luis XIV, além de instituições religiosas, partidos políticos, classes sociais, cortes monárquicas, editoras e a imprensa. Ele explica:

Os patronos tentam regular a relação entre o sistema literário e os outros sistemas, os quais, juntos, compõem uma sociedade, uma cultura. Como regra geral, eles operam através de instituições destinadas a regular, se não a escrita literária, ao menos sua distribuição: academias, agências de censura, revistas de crítica e, de longe os mais importantes, os estabelecimento educacionais.³⁰ (*ibid*: 15)

Lefevere divide ainda a *patronagem* em três componentes: ideológico, econômico e de *status*. Essa sistematização facilita a compreensão dos mecanismos de socialização e controle apresentados de forma mais genérica por Even-Zohar e Toury, que falam apenas em sanções e benefícios. Aqueles que se alinham à ideologia dominante e a reforçam tendem a obter em troca vantagens econômicas e posições de prestígio nos sistemas dos quais fazem parte. Já no caso de atores do sistema que não concordem com a ideologia hegemônica, os fatores econômicos e de *status* serão instrumentos importantes no combate, no enfraquecimento e mesmo na transformação de ideologias dissidentes.

A literatura de autoria de Lefevere é extensa e muito rica, mas no escopo do presente trabalho não nos aprofundaremos mais. O objetivo desta breve apresentação é apenas esmiuçar um pouco mais as teorias que servem de base para

³⁰ Patrons try to regulate the relationship between the literary system and the other systems, which, together, make up a society, a culture. As a rule they operate by means of institutions set up to regulate, if not the writing of the literature, at least its distribution: academies, censorship bureaus, critical journals, and, by far the most important, the educational establishment.

esta pesquisa no que concerne aos mecanismos de controle dos sistemas para, nos próximos capítulos, empregar conceitos como o de *patronagem* ao polissistema de tradução audiovisual.

II.3 O modelo metodológico de Lambert e van Gorp

Com base nas teorias desenvolvidas por Even-Zohar e Toury, José Lambert e Hendrik van Gorp (1985) propuseram um modelo, bastante sintético e prático, para o estudo descritivo de traduções literárias através de uma abordagem funcional e sistêmica. Dado que os textos de Even-Zohar e Toury apresentam o funcionamento dos sistemas e os métodos de estudo de uma forma que tende à generalização e à abstração, o artigo de Lambert e van Gorp é um contraponto muito útil e tornou-se uma referência freqüente nos estudos descritivistas. Na presente dissertação, esse modelo metodológico também ajudará a pensarmos a tradução audiovisual segundo uma perspectiva sistêmica.

A base para o modelo é uma visão ampla dos polissistemas literários da cultura de origem e da cultura de chegada do texto a ser estudado. Ainda que a maior parte da análise recaia sobre o texto traduzido e seu original — inclusive porque, muitas vezes, eles serão (praticamente) os únicos materiais disponíveis para estudo —, é importante contextualizá-los sistemicamente. Isto é, estabelecer as relações entre o texto traduzido e outros textos da cultura receptora da tradução, entre o texto original e outros da cultura de origem, entre o texto traduzido e o original; a posição ocupada pelo autor na cultura de origem e na de chegada e a ocupada pelo tradutor; e as caracterizações dos públicos leitores no sistema de chegada e no de origem.

Como é bem característico dos artigos relacionados aos Estudos Descritivos, no de Lambert e van Gorp são levantadas diversas perguntas para motivar investigações mais específicas: sobre a relação entre os vários sistemas, paralelos entre cada um dos textos em sua cultura, como o autor é visto em cada sistema, a relação entre adequação e aceitabilidade na tradução, etc. A quantidade de enfoques possíveis é ilimitada e é impossível dar conta de todos os aspectos envolvidos na transferência intercultural de textos. Os autores se declaram cientes disso e deixam claro que cada estudioso deve estabelecer suas prioridades e que a

sistematização que eles propõem visa aliviar o pesquisador de confiar somente na sua intuição, ajudando-o a evitar julgamentos *a priori*.

Com base nas relações sistêmicas estabelecidas e nas informações contextuais coletadas, a metodologia consiste basicamente em transitar entre o nível macro-estrutural — apresentação e estrutura geral do texto, normas iniciais que regem o texto traduzido como um todo — e o nível micro-estrutural — estrutura interna do texto e diversas estratégias e escolhas lingüísticas, estilísticas e tradutórias —, contrastando as hipóteses formuladas a partir de observações em um nível com análises feitas no outro. Isto é, a partir de observações de ordem macro-estrutural são formuladas hipóteses, as quais são então verificadas através de análises realizadas no nível micro-textual. A análise micro-estrutural também levará à formulação de hipóteses mais específicas a serem confirmadas voltando-se a observar a estrutura macro-estrutural e sistêmica do texto. Os autores admitem a inviabilidade de se analisarem exaustivamente todos os componentes micro-estruturais e recomendam a seleção de fragmentos a serem estudados sob diferentes perspectivas estruturais. Mais recentemente, Toury e outros estudiosos da área começaram a empregar ferramentas computacionais para realizar levantamentos estatísticos de ordem micro-estrutural.

O principal objetivo do método é revelar as diversas normas que atuam não somente em produtos específicos mas, de modo mais geral, na atividade tradutória do polissistema literário de uma cultura, o que é atingido conectando-se sistemicamente os vários aspectos observados nas traduções. Isso leva os autores a destacarem a importância de estudos em larga escala, para além da contribuição de análises de casos individuais:

Não é possível analisarmos adequadamente traduções específicas se não levarmos em consideração outras traduções pertencentes ao(s) mesmo(s) sistema(s) e se não as analisarmos em vários níveis micro e macro-estruturais. Certamente não é absurdo estudar um único texto traduzido ou um só tradutor, mas é absurdo desconsiderar o fato de que essa tradução ou esse tradutor tem conexões (positivas ou negativas) com outras traduções e outros tradutores. (Lambert e van Gorp, 1985: 51)³¹

Em síntese, os quatro níveis do esquema para o estudo descritivo de

³¹ We cannot properly analyze specific translations if we do not take into account other translations belonging to the same system(s), and if we do not analyze them on various micro- and macro-structural levels. It is not at all absurd to study a single translated text or a single translator, but it is absurd to disregard the fact that this translation or this translator has (positive or negative) connections with other translations and translators.

traduções literárias que consta no apêndice do artigo são os seguintes:

- (i) *Dados preliminares*: título, para-textos (diagramação da capa, quarta-capa, orelhas, presença ou não da indicação de que se trata de uma tradução, gênero, nome do autor, nome do tradutor), meta-textos (prefácio, ensaios, críticas, etc. sobre a obra) e estrutura geral da tradução.
- (ii) *Nível macro-estrutural*: divisões do texto, títulos de capítulos e seções, estrutura narrativa, estratégia global da tradução.
- (iii) *Nível micro-estrutural*: seleção vocabular, estruturas gramaticais, formais e estilísticas, tipo de narrativa, modalização, registros, etc.
- (iv) *Contexto sistêmico*: relações macro e micro-sistêmicas do texto estudado (normas e modelos), relações com outros textos (originais e traduzidos) naquele sistema, relações intersistêmicas.

No Capítulo III, apresentarei uma adaptação desse modelo ao contexto da tradução audiovisual, visando facilitar a realização de estudos sistêmicos nessa área.

Para finalizar este capítulo, listo na próxima seção alguns comentários e críticas feitos aos paradigmas teóricos que estou adotando antes de me debruçar sobre o objeto de estudo mais concreto deste trabalho.

II.4 Comentários sobre a Teoria dos Polissistemas e os Estudos Descritivos de Tradução

Reúno nesta seção alguns comentários que considero pertinentes, feitos pelo teórico americano Lawrence Venuti e pelas pesquisadoras brasileiras Else Vieira, Marcia Martins e Maria Paula Frota, além de uma colocação mais pontual apresentada pelo russo Vilén Komissarov.

A crítica de Komissarov (1996, *apud* Amorim, 2003) dirige-se à definição do conceito de *tradução suposta* (*assumed translation*, aqui visto na Seção II.2.2), que entende como objeto de estudo legítimo qualquer texto apresentado à cultura de chegada como sendo uma tradução e por ela aceito como tal. O autor argumenta que essa definição não incluiria traduções utilizadas por uma cultura sem que ela saiba que se tratam de traduções, isto é, textos traduzidos (não necessariamente literários) introduzidos na cultura sem a indicação de que se

tratam de traduções, e que portanto são recebidos como textos originais. Esse é freqüentemente o caso de matérias jornalísticas traduzidas e publicadas em meio a textos autorais. A noção de tradução suposta, concebida por Toury com vistas a ampliar o escopo dos objetos de estudo pertinentes, estaria portanto ignorando muitos textos que, apesar de não serem assim apresentados aos consumidores, são de fato traduções. Komissarov propõe então a ampliação do conceito de *tradução suposta* a partir de sua idéia de *tradução como pretensão* (*translation as pretension*), isto é, aquela que foi produzida com a intenção de constituir uma tradução. O autor argumenta que a pretensão ou intenção necessariamente precede a recepção de um texto como tradução e é um fator indispensável para que uma tradução seja aceita como tal.

Essa argumentação tem fundamento e pode ser muito relevante no estudo de certos fenômenos. Porém, é preciso contra-argumentar que, apesar de sua ênfase no conceito de tradução suposta, Toury não descarta o estudo de textos que não se apresentam ou não são recebidos como traduções, seja por preencherem alguma outra função ou porque sua identificação como traduções não era algo relevante na cultura-alvo. E ele destaca:

É claro que itens desse tipo também podem ser estudados, mas será preciso dar conta precisamente do fato de que eles *não* foram apresentados/considerados como traduções na cultura que os recebeu; e isso como parte do próprio estudo, não apenas como um tipo de “informação contextual”.³² (Toury, 1995b: 142)

Conforme será visto nos próximos capítulos, a legendagem e outras modalidades de tradução audiovisual não têm autonomia como textos originais, de modo que só podem ocupar a posição de traduções de outro produto — ficando sujeitas a serem consideradas traduções boas e válidas ou não. Mas ainda farei menção à proposta de Komissarov de tradução como pretensão no Capítulo V.

Por sua vez, Lawrence Venuti (1997 e 2002) reconhece a relevância dos Estudos Descritivos, afirmando inclusive (1997) que os conceitos e métodos propostos por Toury já se transformaram em princípios básicos seguidos pelos estudiosos da tradução mesmo quando não são explicitamente atribuídos ao teórico. Mas ele faz também algumas críticas, duas das quais considero

³² Items of this kind can of course be studied too, but an account will have to be given precisely of the fact that they were *not* presented/regarded as translational within the culture which hosts them; and as part of the study itself, not just as some kind of ‘background information’.

particularmente relevantes.

A primeira delas afirma que a busca de autonomia para os Estudos da Tradução (termo que Venuti emprega para se referir aos Estudos Descritivos, o que impede uma distinção clara entre ambos) através de uma delimitação rigorosa do campo da tradução com base em teorias do início do século passado — o Formalismo russo e o Estruturalismo tcheco — acaba deixando de lado discussões mais atuais e provenientes de outras áreas de estudo. Nas palavras de Venuti (1997):

A obra de Even-Zohar e Toury, enraizada no Formalismo russo, ignora as mudanças radicais que vários desenvolvimentos teóricos provocaram nos estudos literários e culturais — a saber, as variedades de psicanálise, feminismo, marxismo e pós-estruturalismo no cenário atual —, todos discursos que insistem na dificuldade de se separar fato de valor na interpretação humanística. Sem eles, o teórico de tradução não pode sequer começar a pensar sobre uma ética da tradução ou sobre o papel exercido pela tradução em movimentos políticos, questões que hoje parecem mais cruciais do que delimitar tênues fronteiras disciplinares.³³

Venuti tem razão quanto às origens da Teoria dos Polissistemas e dos Estudos Descritivos e, de fato, não podemos ignorar os avanços teóricos de outros setores das Ciências Humanas — que inclusive estão sendo considerados na presente pesquisa, como dito na Introdução. Contudo, em meu entender, a própria estrutura sobre a qual aqueles dois paradigmas estão construídos prevê adaptações em função de cada contexto específico, sendo essa contextualização um de seus elementos fundamentais, como foi afirmado mais de uma vez nas seções precedentes. Épocas, locais, objetos de estudo e perspectivas diferentes inescapavelmente envolvem posturas teóricas diversas, e não me parece que haja nada nesses paradigmas que impeça os estudiosos de explicitamente aliarem contribuições e posicionamentos que lhes pareçam relevantes. Apesar de as propostas teóricas e metodológicas de Even-Zohar e Toury não se vincularem a determinadas correntes recentes das Ciências Humanas, também não penso que esses teóricos ignorem as discussões atuais. Além disso, é bem possível

³³ The work of Even-Zohar and Toury, rooted in Russian Formalism, has ignored the radical changes that various theoretical developments have caused in literary and cultural studies — namely, the varieties of psychoanalysis, feminism, Marxism, and poststructuralism on the current scene — all discourses that insist on the difficulty of separating fact from value in humanistic interpretation. Without them the translation theorist cannot begin to think about an ethics of translation, or the role played by translation in political movements, issues that seem more crucial today than sketching narrow disciplinary boundaries.

incorporar essas discussões a estudos de base descritivista, como feito por Lefevere, que introduziu contribuições de Foucault nos Estudos Descritivos de Tradução. Em meu entender, essa maleabilidade é uma grande vantagem dos paradigmas nos quais se fundamenta o presente trabalho, e também será explorada aqui.

Além disso, Venuti questiona a viabilidade dos estudos filiados ao paradigma dos Estudos Descritivos devido à pretensão de se constituírem como observações “neutras”, isto é, sem a interferência de julgamentos *a priori* do pesquisador, bem como ao rigor científico exigido pela metodologia proposta. Venuti diz que, embora Toury demonstre ter consciência da impossibilidade dessa neutralidade, essa postura é ingênua em qualquer abordagem científica e que a própria seleção dos fenômenos estudados e a escolha vocabular presente nos estudos de casos revelam as preferências do pesquisador, inclusive do próprio Toury.

Conforme destacado na Seção II.1, Even-Zohar deixa claro o papel ativo do observador na constituição dos sistemas e daquilo que se consideram fenômenos observáveis, de modo que a postura do pesquisador não pode ser considerada neutra. Com relação ao rigor proposto por Toury — também evidenciado no esquema metodológico de Lambert e van Gorp apresentado na seção anterior —, eu o entendo mais como um *ideal* a ser buscado pelo pesquisador do que como um modelo que realmente pretende excluir os interesses deste. A ênfase no despojamento do pesquisador de idéias preconcebidas, a meu ver, acabou ficando um pouco exagerada por ser uma reação contra o tão criticado prescritivismo (muito associado a logocentrismo e etnocentrismo, há algumas décadas vistos como males a serem superados).

Claro está que um estudioso sequer começa a empreender uma investigação sem nenhum tipo de idéia preconcebida sobre o objeto que lhe chamou a atenção e que todo estudo acarreta interesses implícitos. Portanto, acredito ser possível assumir, hoje em dia, que os autores contemporâneos levam essas questões em conta em suas teorias sem a necessidade de continuamente fazerem ressalvas nesse sentido. Além disso, penso que o pesquisador pode escapar de acusações de ingenuidade científica esclarecendo qual é seu posicionamento em relação ao objeto de pesquisa escolhido, incluindo seus pressupostos, sua bagagem e seus objetivos na contextualização da situação

estudada, de modo que nada disso fique oculto nas entrelinhas de uma descrição supostamente objetiva. Essa explicitação da perspectiva do pesquisador talvez implique em uma certa flexibilização dos Estudos Descritivos, o que considero desejável — como será visto no Capítulo V. Por isso, ao longo do presente trabalho, procuro apresentar do modo mais claro possível minha visão com relação a meu objeto de estudo — a tradução para legendas, dentro do âmbito da tradução audiovisual — e minha própria posição no sistema que analiso.

Os comentários feitos por Else Vieira, Marcia Martins e Maria Paula Frota têm alguns pontos em comum.

Martins (1999) lamenta a falta de uma base epistemológica clara, tanto da parte de Even-Zohar quanto de Toury, além da indefinição no que diz respeito à inter-relação entre a Teoria dos Polissistemas e os Estudos Descritivos. Quanto à segunda questão, vimos nas seções anteriores que Toury reconhece o impacto que a teoria de Even-Zohar teve no desenvolvimento dos Estudos Descritivos e que alguns conceitos empregados são comuns a ambos, mas de fato não fica muito claro se os dois paradigmas formariam um conjunto fechado — como freqüentemente são vistos —, se teriam a intenção de serem complementares ou se apenas compartilhariam alguns fundamentos, assim como quais seriam suas divergências, caso haja alguma. No presente trabalho, estou mantendo-os parcialmente separados e numa relação de precedência — a Teoria dos Polissistemas anterior aos Estudos Descritivos —, entendendo que claramente *há* uma forte relação entre eles. Em particular, a primeira exerceu forte influência sobre os últimos e estes então formularam novos conceitos e propostas sobre a base construída por aquela.

Quanto à falta de esclarecimentos epistemológicos, Martins e Frota fazem uma crítica semelhante, argumentando que conceitos essenciais usados por essas teorias, tais como o de *literatura*, *texto* e *cultura*, não são bem definidos. Martins (1999) afirma que a mudança de ótica com relação aos conceitos de *tradução* e *equivalência*, assim como a opção por uma perspectiva descritivo-explanatória em vez de normativa, se deve a uma nova postura epistemológica que não mais toma por base a essência absoluta do texto ou a intenção autoral. Contudo, não há uma explicitação dessa mudança, uma contextualização da abordagem descritiva em relação a outras áreas e linhas de pensamento, o que, segundo Martins, enfraquece esse paradigma enquanto teoria de tradução. Já Frota (1999) enfatiza a indefinição

do conceito de *cultura* não só pelos Estudos Descritivos, mas por várias vertentes e teóricos agrupados sob o rótulo de *culturalistas* ou associados à *virada cultural*, entre os quais a autora inclui a Skopostheorie e diversos autores vinculados aos Estudos Descritivos. Na falta de uma definição explícita, fazendo inferências a partir de vários textos teóricos, Frota conclui que a cultura é vista também como um sistema, mas, paradoxalmente, não instável e heterogêneo como a Teoria dos Polissistemas reivindica para outros sistemas. Frequentemente, cada cultura é tratada como uma unidade, associada a uma só língua, e suas diferenças internas são ignoradas, o que é evidenciado quando teóricos afirmam que os tradutores são *biculturais* ou que transitam entre *duas* culturas. “Por que ver apenas *duas* culturas [...]?”, pergunta Frota (1999: 58).

Essas colocações são muito relevantes e a falta de uma explicitação coerente dos conceitos fundamentais da teoria continua constituindo uma lacuna, a qual eu não me sinto preparada para tentar preencher no escopo deste trabalho. Na medida do possível, buscarei definir ou contextualizar os conceitos da forma como os emprego aqui.

Outra crítica com a qual concordo plenamente, também feita por Martins, diz respeito à meta final de Toury de elaborar uma teoria geral da tradução que dê conta de suas várias modalidades, culturas, contextos e possibilidades. A teórica argumenta que “a plasticidade do modelo sistêmico dificulta a previsão de regularidades dessa amplitude cuja especificidade transcenda a própria dinâmica do modelo” (Martins, 1999: 61), assim como a identificação de universais no comportamento tradutório. De fato, como foi visto nas seções anteriores, a ênfase que Even-Zohar e Toury dão ao dinamismo e à instabilidade dos sistemas não parece viabilizar a elaboração de teorias desvinculadas do contexto de cada estudo realizado, ainda que esse contexto possa (e deva) incluir uma visão macro, dos sistemas maiores. Por mais que Toury esclareça que essa teoria geral não seria algo cristalizado, mas estaria sempre sendo refinada e atualizada através de estudos de caso, poderíamos talvez nos perguntar se a busca de universais trans-sistêmicos não comprometeria a própria noção de sistema na qual se baseia o paradigma descritivo. Como já foi dito, a presente pesquisa está ligada ao sistema cultural brasileiro, o qual integro, e se debruça sobre algumas das modalidades da tradução audiovisual, incluindo um pouco do seu diálogo com a tradução literária. Ainda que seja possível empregar as reflexões aqui desenvolvidas em outros

contextos, não é minha pretensão que elas sejam universais.

Finalmente, dentre outros comentários críticos feitos por Vieira, um dos que destaco é sua afirmação de que “não há espaço na teoria dos poli-sistemas para a dimensão humana” (Vieira, 1996: 130), como a do escritor, do tradutor e dos leitores, além da teoria não esclarecer qual é o papel exercido por outros agentes envolvidos, tais como editores, antologistas ou críticos. Martins (1999) concorda com essa colocação, acrescentando que o pólo receptor fica sobrecarregado por acumular várias funções ligadas ao processamento dos textos produzidos.

Efetivamente, em função da ênfase dada por Even-Zohar e Toury ao caráter sistêmico e sociocultural das relações envolvidas na produção e na recepção de traduções, o espaço que eles destinam à participação de integrantes individuais dos vários sistemas fica reduzido. Como foi observado na Seção II.1.2, as pessoas envolvidas no processo de tradução sequer foram mencionadas na definição de tradução apresentada por Even-Zohar. Contudo, prefiro ser mais reticente e não dizer que “não há espaço” para essa participação, pois não entendo que a dimensão humana — ao menos no sentido sociocultural — seja desconsiderada. Vieira não esclarece o que entende exatamente por “dimensão humana”, mas, em função justamente da ênfase dada por Toury e Even-Zohar ao caráter sociocultural dos sistemas, estes são, por definição, humanos. É bem verdade que Even-Zohar destaca a concepção mais geral e estrutural dos sistemas e de seu funcionamento, e que Toury explicitamente opta por não se ater ao estudo de comportamentos subjetivos ou idiossincráticos — o que será por mim explorado no Capítulo V. Porém, Toury e outros teóricos descritivistas propõem, por exemplo, o estudo das traduções realizadas por um único tradutor e a consideração de críticas, prefácios e dados referentes à recepção das traduções como parte da metodologia de estudo, o que a meu ver demonstra que a participação humana não é deixada de lado.

Numa linha semelhante, Frota aborda essa questão de uma forma que me chamou particularmente a atenção, novamente referindo-se às abordagens culturalistas e não somente aos Estudos Descritivos de Tradução. Ela afirma que, ao priorizar a cultura ou os contextos sociais, ampliando o escopo para além do sistema da língua, essas abordagens passam a conceber o *sujeito* como “absolutamente determinado pelos contextos sociais em que transita, pela história

e pelas ideologias” (Frota, 1999: 63), sendo recalcada ou mesmo descartada sua *singularidade*. A partir de citações que afirmam que a tradução é inevitavelmente uma reescrita informada por uma ideologia e, como tal, é sempre uma manipulação a serviço do poder, Frota aponta o seguinte paradoxo:

O sujeito [...] apresenta-se como um sujeito *social*, não havendo investigação acerca da subjetividade em um plano mais particular. Paralela e contraditoriamente, [...] é assumida uma postura absolutamente subjetivista quando formuladas ou aplicadas as “novas” estratégias tradutórias de *manipulação*. (*ibid*: 63-64)

De fato, num mesmo texto, Toury (1998) apresenta sua opção por uma concepção *sociocultural* da tradução em contraposição a uma situação de comunicação individual entre uma pessoa e um texto, ao mesmo tempo em que afirma que mudanças de paradigma podem ser causadas pela ação de *indivíduos* que ocupam uma posição de maior poder no sistema.

Conforme será visto no Capítulo V, essa dificuldade de superar a dicotomia sujeito/objeto é comum nos Estudos da Tradução e pode ser detectada mesmo entre teóricos pós-estruturalistas mais radicais, como Lawrence Venuti e Stanley Fish. Mas, a meu ver, assim como é possível agregar reflexões teóricas atuais à base polissistêmica e descritivista apresentada ao longo deste capítulo, penso que há também espaço para refletir sobre a singularidade no âmbito dessas abordagens, o que tentarei fazer progressivamente nos capítulos que se seguem, enfocando a prática da tradução para legendas.